

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES – *JANE VANINI*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA EM GEOGRAFIA

Gislaine Fernandes

**POTENCIALIDADES PARA O TURISMO NO ESPAÇO RURAL NO
ASSENTAMENTO FACÃO EM CÁCERES–MT COMO ESTRATÉGIA DE
PERMANÊNCIA NO CAMPO**

CÁCERES/MT

2020

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES – *JANE VANINI*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA EM GEOGRAFIA

Gislaine Fernandes

**POTENCIALIDADES PARA O TURISMO NO ESPAÇO RURAL NO
ASSSENTAMENTO FACÃO EM CÁCERES–MT COMO ESTRATÉGIA DE
PERMANÊNCIA NO CAMPO**

Projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob a orientação do Professor Dr. Edevaldo Aparecido Souza.

CÁCERES/MT

2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
2 JUSTIFICATIVA	08
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
4 OBJETIVOS	17
5 PROBLEMA E HIPÓTESE DA PESQUISA	18
6 MATERIAL E MÉTODOS	20
7 RESULTADOS ESPERADOS	20
8 CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES	21
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 INTRODUÇÃO

Esse projeto apresenta como proposta de pesquisa o turismo em espaço rural no Assentamento Facão, município de Cáceres-MT. Essa prática econômica tem ganhado importância no cenário nacional e possui diversas segmentações, entre as quais destacam-se atividades com o ecoturismo, o de aventura, o religioso, o cultural e, dentre outros, o turismo no espaço rural. Essa realidade encontrada no espaço rural, antes concebido e estereotipado pelo atraso, a sustentação para o desenvolvimento de atividades que contemplem a organização do meio rural com seus atributos físicos e culturais. Nesse viés, destaca-se a organização socioespacial da agricultura familiar como contributo para o turismo no espaço rural no Assentamento Facão.

O Município de Cáceres situa-se a sudoeste do estado de Mato Grosso, na microrregião do Alto Pantanal e mesorregião do Centro Sul Mato-grossense (IBGE, 2000). A área de estudo encontra-se entre as coordenadas geográficas 16° 9'28.42" Latitude Sul e 57° 36'58.47" Longitude Oeste, no limite da área urbana do município e a Província Serrana. Segundo Neves (2007), a cidade de Cáceres é drenada pelo rio Paraguai e afluentes, se descortina sobre o ecossistema pantaneiro, e possui remanescentes do Cerrado.

Essas características garantem ao município e ao Assentamento Facão condições propícias para o desenvolvimento do turismo, especialmente com práticas de baixo impacto, no caso específico o turismo em espaço rural. Ao associar os aspectos físicos da região, com as práticas rurais desenvolvidas nas pequenas propriedades, encontram-se meios sustentáveis para o incremento desta atividade no local.

O avanço da urbanização e da conseqüente globalização mundial tem impulsionado a busca de lazer fora do meio urbano e o turismo rural engloba modalidades que não se excluem e que se complementam, de tal forma que o turismo no espaço rural é a soma de ecoturismo, turismo verde, turismo cultural, turismo esportivo, agroturismo e turismo de aventura (OXINALDE *apud* SILVA; *et al*, 2000, p. 16).

Na conjuntura dessa prática econômica e social, Bauermeister (2010), menciona que o turismo se apresenta em muitos lugares como vetor impulsionador de economias locais, apesar de ser uma atividade globalizada.

De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2008), o turismo rural é um conjunto de atividades desenvolvidas no campo, seja em pequena propriedade ou em assentamentos rurais que, comprometido com práticas sustentáveis, agrega valor a produtos e serviços, resgata e promove o patrimônio histórico-cultural e natural do lugar.

Nessa mesma direção, Tulik (2003 p. 31-32) sintetiza que essa modalidade de turismo se refere “ao conjunto de atividades praticadas no espaço rural, consiste no aproveitamento turístico do conjunto de componentes existentes no espaço, incluindo aqueles basicamente rurais e culturais e também elementos da natureza”.

Devido à prática do turismo no espaço rural estar em fase de organização e sistematização no Brasil, sua compreensão ainda é bastante complexa e necessita de profundas discussões e reflexões teórico-metodológicas, especialmente no campo da Geografia, que se designa a analisar, interpretar e compreender os processos e fenômenos que se manifestam no espaço e condicionam sua organização em arranjos socioespaciais no decorrer do tempo. A partir das leituras realizadas em Zimmermann (2000), é possível mencionar que para entender a prática do turismo rural, é indispensável conhecer e considerar a diversificação físico-ambiental do espaço rural, bem como a organização cultural dos sujeitos que ocupam e organizam esse espaço e se há disponibilidades e interesses para implantação de ideias e práticas modernas no espaço do assentamento.

Na perspectiva de desenvolvimento local e regional do município de Cáceres-MT, o turismo, especificamente o rural, enquanto prática econômica se apresenta como um caminho para complementação da pequena agricultura. Uma vez que, diversifica a atividade agrícola, desenvolve novos serviços, valoriza a produção do homem do campo, gera rendimentos complementares à atividade primária, produz melhoria na infraestrutura e de modo geral coloca-se como fator de desenvolvimento socioeconômico e gera emprego e renda, sobretudo para a população local (BENI, 1998 p. 80).

No sentido de destacar o potencial turístico do município de Cáceres-MT, além das características e domínios já ressaltados anteriormente tais como o Pantanal, o Rio Paraguai, o Cerrado, e a Província Serrana onde se encontram diversos pontos com grande potencial turístico, destaca-se ainda no meio rural a Serra de Santa Barbara, a Ponta do Morro, a Água Milagrosa, as

fazendas históricas como a Jacobina e o Descalvado as ruínas das construções da Fazenda Facão, cachoeiras, cavernas e exuberantes praias.

No espaço urbano encontram-se monumentos históricos como o Marco do Jauru, a Praça Barão do Rio Branco, a casa do Daveron, entre tantos outros casarões tombados pelo patrimônio histórico. No meio rural destaca-se ainda uma flora constituída de matas, cerradões e savanas com espécies de cambará, lixeira, carandá e ipês, entre outras, que possuem alto potencial econômico e contemplativos (NEVES, 2006).

Na perspectiva de desenvolvimento e diversificação do turismo local, salienta-se que o espaço rural do município de Cáceres-MT, é constituído por diversos assentamentos rurais que dispõem de potencial físico-cultural para a prática do turismo no espaço rural. Dentre esses destaca-se, o Assentamento Facão, objeto de estudo dessa pesquisa, distante cerca de seis quilômetros da área urbana do município.

Desse modo, o conceito de espaço e paisagem direcionarão as discussões do turismo no espaço rural a partir de uma leitura geográfica. A Geografia compreendida como a ciência de interface entre a sociedade e a natureza, tem o espaço geográfico como o seu principal objeto de estudo, o que a distingue dos demais campos do conhecimento.

Assim, podemos entender o espaço geográfico como o alicerce da organização socioespacial, pois é sobre esse estatuto epistemológico que a Geografia se erigiu e constitui-se como ciência. Para Moreira (2011), o espaço geográfico é parte fundamental do processo de produção e organização socioespacial, onde se constituem as diferentes paisagens.

A Geografia, enquanto ciência, tem o espaço geográfico como produto histórico e ente social e deve condicionar estratégias para o desenvolvimento de pensamentos críticos e elaborações teóricas, sobre os complexos arranjos espaciais e as formações socioeconômicas. Para Carlos (2001), deve-se pensar o mundo em sua multiplicidade, e o homem por inteiro em sua dimensão humana e social, a partir da espacialidade das relações sociais sobre o ambiente.

Para Santos (1978, p. 145), “o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada e subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de certa autonomia”. É no viés de pensar o espaço como produção de

dimensão natural e social, através das leis e movimentos que o estruturam e o organizam, que se coloca a discussão e a problemática que orientará essa pesquisa, o turismo no espaço rural como possibilidades e limites para o desenvolvimento da agricultura familiar com vista aos aspectos físico-ambientais e culturais no Assentamento Facão em Cáceres-MT.

Neste sentido, há que estudar também os impactos ambientais desencadeados no assentamento, promovidos por agentes externos, pela monocultura da soja e outras atividades mercadológicas, e também pelos assentados, mesmo que em escala menor. Essas alterações no ambiente local afeta as possíveis propostas de turismo em espaço rural como alternativa e complemento de renda para os assentados.

A pesquisa seguirá o caminho metodológico proposto por Milton Santos, ao eleger as categorias forma, função, estrutura, processo e totalidade como as principais para a análise geográfica do espaço, categoria principal e auxiliar na compreensão da paisagem de um determinado lugar (SANTOS, 1978).

O espaço, segundo Saquet e Silva (2008), “é construído processualmente e contém uma estrutura organizada por formas e funções que podem mudar historicamente em consonância com cada sociedade”. Ainda de acordo com Santos (1978, p.122).

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções.

Com relação à paisagem Santos (1997) a concebe como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma. Neste sentido considera-a como um constituinte do espaço geográfico (sistema de objetos).

Para Santos (ibidem, p. 83) “paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. Ou ainda, “a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos”. Ao dar preferência no estudo geográfico a partir do conceito de paisagem, poderemos entendê-la enquanto forma e funcionalidade.

Percebe-se a paisagem como um conceito operacional, ou seja, um conceito que permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja a da conjunção de elementos naturais/tecnificados, socioeconômicos e culturais, ou seja compreendendo-a como um processo de organização ou reorganização de formas na sua conjugação com o modo como as sociedades caminham através das suas etapas de desenvolvimento. Neste sentido, na análise da paisagem ficam incluídos elementos naturais e/ou culturais (natureza artificializada).

Portanto, no contexto do turismo rural a partir da agricultura familiar, essa pesquisa se fundamentará teórico-metodologicamente à luz dos conceitos de espaço geográfico e paisagem para subsidiar as discussões do conhecimento geográfico. Comunga-se que a Geografia desempenha importante papel ao discutir e propor mecanismos viáveis para o desenvolvimento econômico e social pautado em princípios da sustentabilidade e na melhoria da qualidade de vida do homem, no caso específico homens e mulheres, sujeitos que ocupam e organizam os diversos arranjos espaciais no Assentamento Facão em Cáceres-MT.

2 JUSTIFICATIVA

Na questão do turismo rural enquanto prática econômica, poderá se apresentar como um caminho para complementação da pequena agricultura, pois a agricultura familiar colabora para a geração de renda e emprego no campo e ainda melhora o nível de sustentabilidade das atividades no setor agrícola. Sendo assim, a qualidade dos produtos é superior aos outros convencionais.

De acordo com Beni (1998 p. 80), uma vez que, diversifica a atividade agrícola, desenvolve novos serviços, valoriza a produção do homem do campo, gera rendimentos complementares à atividade primária, produz melhoria na infraestrutura e de modo geral coloca-se como fator de desenvolvimento socioeconômico e gera emprego e renda, sobretudo para a população local.

Importante ressaltar que o espaço rural do município de Cáceres-MT é constituído por vários assentamentos rurais que apresentam potencial físico-cultural para a prática da referida atividade econômica. O Assentamento Facão, um dos assentamentos rurais, e objeto de estudo dessa pesquisa, está localizado a cerca de seis quilômetros da área urbana do município.

Dentro do potencial turístico do município de Cáceres-MT temos diversos pontos como o Pantanal, o Rio Paraguai, o Cerrado, e a Província Serrana, destacando-se ainda, no meio rural, a Serra de Santa Barbara, a Ponta do Morro, a Água Milagrosa, as fazendas históricas como a Jacobina e o Descalvado, as ruínas das construções da Fazenda Facão, cachoeiras, cavernas e exuberantes praias de água doce. Essa investigação visa ainda contribuir para geração de políticas públicas e ações privadas visando o desenvolvimento local e regional.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DE TURISMO

3.1.1 Turismo: definições e conceitos

O objetivo deste estudo é trazer algumas referências teóricas sobre Potencialidades para o Turismo Rural no Assentamento Facão em Cáceres-MT como estratégia de Permanência no Campo.

A partir do século XX, o turismo ganhou importância economicamente, no que tange às relações social, cultural e ambiental, e certamente é um conjunto de atividades que mais cresce no mundo diante da economia global. Quanto às conceituações e definições, o turismo exhibe uma complexidade, o que de certo modo explicaria a dificuldade de se ter um conceito único que atenda aos seus diversos aspectos.

A vida agitada da cidade faz com que as pessoas busquem o bem-estar físico e psicológico, praticando atividades voltadas à recreação e ao turismo nas suas horas de lazer.

De acordo com Barbosa (2002), a palavra turismo teve sua origem no inglês *tourism*, originário do francês *tourisme*. Etimologicamente, a palavra *tour* (francês) é derivada do latim *tornare* e do grego *tornos*, significando um giro ou um círculo. Ou ainda, o movimento ao redor de um ponto central ou eixo. O significado mudou no inglês moderno, passando, segundo o autor, a representar especificamente um giro. Andrade (2001, p. 30-31) observa que o termo turismo provém da palavra francesa *tourisme*:

A matriz do radical tour é o latim, através do substantivo tornus, do verbo tornare, cujo significado é “giro, volta, viagem ou movimento de sair e retornar ao local de partida”. A própria língua inglesa utilizou o termo torn, em sua plena acepção latina, até o século XII. Atualmente o termo é sinônimo de tear e não apresenta nada em comum com movimento turístico, com viagem de ida e volta ou com outras expressões correlatas. De épocas anteriores ao termo latino tornus é a palavra tour, não da língua francesa, mas do hebraico antigo em seu sentido puro e literal, como expressão designativa de “viagem de exploração, de descoberta, de reconhecimento”, usado como indicativo de viagem turística [...].

Ainda analisando este assunto, Mota (2001) concede a ela da mesma forma que Andrade, atribuindo que a origem da palavra “ turismo” origina-se na palavra francesa tour, que significa “volta”, e tem, no inglês, o mesmo valor turn, e no latim, tornare. De acordo com o que foi relatado por Vieira (1998), Mota (2001) e Andrade

(2001), Moesch (2002) acrescenta que a raiz tour aparece documentada na Inglaterra no século XVIII e consta ainda adicionado em seu texto:

A etimologia da palavra permite identificar sua procedência latina tornus (torno) como substantivo, e tornare (redondear, tornear, girar) como verbo. A idéia de giro, de viagem circular, de volta ao ponto de partida, se deduz, claramente, de raiz comum, que origina tornus e tornare. Parece que o turn britânico, de 1746 – to take a turn – cedeu lugar, em 1760, ao tour que usamos até hoje, de influência francesa.

Nota-se, que fica clara a atuação da palavra tour sobre “turismo”, visto que atualmente, parte da população reporta-se à prática do turismo como “fazer um tour” e, ao ouvir esse termo, entende-se exatamente do que se trata. A noção de que o turismo pode ser compreendido e definido conforme situação vivida, Badaró (2003, p. 19) estabelece que:

O turismo, como ciência, tem sido tema de diversos estudos ao longo do século XX. Diferentes escolas européias buscaram conceitos para o turismo, de acordo com as circunstâncias vividas no momento, calçando-os ora em aspectos econômicos, ora em aspectos sociais.

A consolidação do turismo, enquanto atividade econômica, também contribuiu para o novo cenário internacional, pois de acordo com Ramos e Costa (2017, p.24), até década de 1960, o turismo mundial é entendido principalmente como ato de atividades prazerosas.

Esta atividade está organizada por segmentação e são instituídos por identificação de certos grupos de consumidores caracterizados a partir das suas especificidades em relação a alguns fatores que determinam suas decisões, preferências e motivações, ou seja, a partir das características e das variáveis da demanda.

Os tipos de turismo são definidos a partir da oferta e a identidade pode ser confirmado pela existência, em um território, de atividades, práticas e tradições (agropecuária, pesca, esporte, manifestações culturais, manifestações de fé), aspectos e características (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais), determinados serviços e infraestrutura (de saúde, de educação, de eventos, de hospedagem, de lazer).

3.1.2 Paisagem e Turismo

De acordo com pensamento de Dollfus (1991) a paisagem possui três classes: naturais, modificadas e organizadas. Em relação as paisagens naturais, esta não tem vestígios recentes da ação do homem, as paisagens modificadas possuem modificações do homem, por exemplo, as queimadas e as práticas pastoris e as paisagens organizadas seguem com ações planejadas do ser humano sobre a natureza.

Conforme Bolós (1992, p. 7-8), Van Humboldt (1769-1859) foi considerado o responsável por propagar a noção de paisagem em geografia na segunda metade do século XIX, estabelecendo a ideia da geografia como ciência da paisagem, da qual as razões estavam baseadas na natureza como algo dinâmico e em busca de equilíbrio, num método nacional empírico e na busca de leis gerais onde as diferentes fisionomias constituíram um todo.

Conforme Santos (1988), o conceito de paisagem na ciência geográfica refere-se a tudo aquilo que pode ser alcançado por meio de nossa visão. São as cores, os movimentos, os odores, os sons. Por esta mesma razão, a paisagem relaciona-se à dimensão da percepção e aos sentidos humanos.

Segundo Castro (2006), para que se torne objeto de exploração do turismo, “basta que seja possuidora de beleza cênica excepcional, a paisagem é transformada em patrimônio turístico, em recurso turístico e territorializada por agentes turísticos para ser consumida no olhar

contemplativo individual ou coletivo dos turistas. Assim, a paisagem representa o primeiro contato do visitante com o destino turístico e por isso, figura-se como importante fator na determinação da atratividade local. Conforme Pires (1993):

[...] a combinação dos elementos visuais cria composições pelas quais é possível definir qualidades estéticas similares às que geralmente são usadas no mundo artístico tais como unidade, intensidade e variedade. Tais qualidades poderão contribuir para a diferenciação das unidades da paisagem visualizadas [...]. Um ou vários componentes da paisagem podem adquirir um grande peso específico no conjunto da cena, sob condições especiais de singularidade associada à escassez, raridade, valor estético, interesse histórico etc., ou quando dominam totalmente a cena [...].

O pensamento deste autor retrata que existem um número infinito de paisagens pois elas estão em constante mutação, seja por pressões antrópicas, clima, variação de luzes, configurações geográficas ou outras dinâmicas da própria natureza. Para Yazigi (1998):

A paisagem, indissociável da idéia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico. Não se trata de dizer que ela seja a única forma de atração, mas que pesa muito no contexto de outros fatores (meio de hospedagem, bons preços etc.). O turismo depende da visão.

Durante a atividade turística, o turista interpreta a paisagem e percebe o significado das coisas. Compreender demanda tempo, e quanto mais tempo o turista permanecer no local visitado mais recursos ele irá deixar. São esses recursos que fazem com que o turismo aconteça como atividade econômica.

O propósito é a relação afetiva do turista com determinadas paisagens, pois ao interpretar signo, identificar períodos históricos, os elementos da fauna e flora e tantos outros, certamente se tornará um propagandista do lugar.

Enfim, é essencial a preservação das paisagens pois gerações futuras também merecem usufruir.

3.2 O TURISMO NO ESPAÇO RURAL

No atual momento da globalização o espaço rural vem sendo estudado por diversas áreas de conhecimento, como Geografia, Sociologia, Antropologia e a Economia. Todavia, segundo Lefebvre (1986), a vida das populações camponesas era pouco investigada. Com a Revolução Industrial, no século XVIII, houve um desenvolvimento na indústria sobre a agricultura e da cidade

sobre o campo, surgindo como consequência interesse em estudar as transformações no espaço geográfico.

Conforme Joaquim (1999), atualmente há uma diversificação nas atividades dos espaços rurais, incluindo agricultura, ambiente e turismo.

Segundo Graziano da Silva *et al.* (1998), o turismo, quando praticado no meio não-urbano é composto de diversas atividades prazerosas. Logo, é um turismo que contém diversas modalidades e que recebem várias denominações: turismo rural, turismo no espaço rural, turismo alternativo, turismo verde, ecoturismo, turismo cultural e étnico, agroturismo, entre outros.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2004), nas diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural, entende que o turismo rural “é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária agregando valor à produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

De acordo com Schneider (2006, p. 4), os agricultores e suas famílias passam a ser caracterizados pela pluriatividade, combinando ocupações em atividades agrícolas com outras não agrícolas. Eles passam a não depender somente da agricultura e tendem a se tornar “sociologicamente parecidos com as famílias urbanas”.

Para a socióloga Carneiro (1998), há um processo de constante reestruturação de elementos da cultura local na ruralidade, ou seja, integração de novos valores, decorrentes de novas relações cidade/campo. A definição da ruralidade não é mais definida com base na oposição à urbanidade, em outras palavras, a natureza é valorizada assim como a vida no campo, e a produção de alimentos saudáveis.

É fato que há uma busca por parte de um número considerável de cidadãos, no campo (nas propriedades rurais), pois há necessidade de recuperar a saúde e impedir o estresse, estando em contato com a natureza. Contudo, essa realidade tem ocasionado uma série de atividades agrícolas e não-agrícolas.

Diante desse processo surge o produtor familiar, que vai à procura de possibilidade de renda e trabalho no turismo, buscando agregar valores aos seus produtos e serviços. Mazuel (2000), explica como são as atividades turísticas no espaço rural francês e na União Européia:

Há uma França rural preservada e autêntica, fundada no patrimônio rural construído, nos recursos naturais, antigas práticas agrícolas, um conhecimento local e um estilo de vida próprio do meio rural. [...] mas também com alusão a exemplos de outros países europeus, que experimentaram exatamente a mesma evolução condicionada da demanda de um cliente europeu desejoso em se integrar à vida rural. A este respeito, os ingleses e os escandinavos anteciparam-se aos franceses (MAZUEL, 2000, p.95).

O Brasil possui uma enorme concentração de terras, e é um dos poucos países do mundo a não ter realizado a reforma agrária. De acordo com Nodari *et. al.* (2005), no país há um grande contingente de pessoas que necessita de um pedaço de terra para plantar e produzir seu próprio sustento. Mas se por um lado é preciso democratizar a terra para dinamizar o próprio meio rural, por outro se faz necessário desenvolver novas atividades para o meio rural.

Segundo Souza e Hespanhol (2010), as atividades desenvolvidas nos espaços dos assentamentos rurais se direcionam para às descobertas de novos produtos e serviços, por exemplo a própria experiência de vida no assentamento, o saber-fazer expresso por meio dos alimentos produzidos (doces caseiros, queijos, pães etc), do artesanato (cestos, bordados manuais etc.). Nesse viés, destaca-se a organização socioespacial da agricultura familiar como fomento para o turismo rural no Assentamento Facão.

3.2.1 Questões Sobre Produção Familiar.

Há um amplo debate entre alguns autores clássicos como Chayanov (1974), Mendras (1976), Caio Prado Junior (1977), Guimarães (1979), entre outros, e foi retomada nos anos 1990 com contribuições de Abramovay (1992), Wanderley (1994, 2000), Lamarche (1998), Fernandes (2002), entre outros, que o trabalho familiar na exploração agropecuária caracteriza a produção familiar. No entanto, há um embate teórico entre eles buscando diferenciar o que é agricultura camponesa e o que é agricultura familiar.

A agricultura familiar remete a várias definições. Segundo Altafin (2005), o conceito de agricultura familiar está em evolução, com importantes raízes históricas e conectadas à produção camponesa de economia familiar.

Para a autora, não há ruptura definitiva com as formas de produção anteriores em virtude das transformações vividas, pois a tradição camponesa fortalece a capacidade de adaptação às novas exigências da sociedade.

De acordo com Guerra et al. (2007), a agricultura familiar tem uma significação de novidade e renovação nos últimos anos no Brasil, pois houve ocorrência de mudanças no país na área macroeconômica e no contexto político, com a criação do Ministério do Desenvolvimento Agrário e o fortalecimento dos movimentos sociais.

Na ideia da agricultura familiar, centra-se nos estudos da FAO/INCRA (1994), que analisa dividindo a exploração agrícola em modelo patronal e familiar (Quadro 1), e do estabelecimento do Programa Nacional de Produção Familiar (PRONAF). Objetiva-se instituir diretrizes e ações que levem ao desenvolvimento rural e à integração dos produtores familiares ao mercado e, para tanto, realiza uma classificação dos agricultores familiares brasileiros (Quadro 2).

Quadro 1: Diferenças entre propriedades patronais e familiares.

PATRONAL	FAMILIAR
<ul style="list-style-type: none"> • Completa separação entre gestão e trabalho • Organização centralizada • Ênfase na especialização • Ênfase nas práticas padronizáveis • Predomínio do trabalho assalariado • Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões “de terreno” e de momento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho e gestão intimamente relacionados • Direção do processo produtivo diretamente assegurada pelos proprietários ou arrendatários • Ênfase na diversificação • Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida. • Trabalho assalariado complementar. • Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.

Fonte: VEIGA, 2001.

Quadro 2: Classificação dos Agricultores Familiares

Consolidados	São produtores considerados empresários do setor, com boa liderança nas comunidades, buscam assistência técnica e creditícia, possuindo bom poder de análise e gerenciamento. São propriedades geralmente menores de 100 ha com concentração próximo a 50 ha
Em Transição	São produtores de menor esclarecimento que os consolidados, buscam em menor

	intensidade a assistência técnica e creditícia, possuindo médio poder de análise e gerenciamento. São propriedades geralmente menores de 100 ha com concentração próximo a 20 ha
Periféricos ou de Subsistência	A utilização do crédito rural é nula ou incipiente, pois não possuem viabilidade econômica para ter acesso a ele. Geralmente, tem dificuldades quanto ao gerenciamento da propriedade. Também considerado agricultor que mais se aproxima do camponês tradicional, onde a luta pela terra e contra as perversidades do capitalismo se faz presente. São propriedades geralmente menores de 50 ha com concentração abaixo de 20 ha.

Fonte: FAO/ INCRA, 2000.

Desta forma, a gestão e o trabalho na agricultura de propriedade familiar estão unidos, ou seja, a família tem os meios de produção e esses mesmos proprietários exercem o trabalho em uma área mais ou menos pequena ou média.

Desse modo, segundo a classificação da FAO/INCRA (2000) e Molina Filho (1979), os agricultores familiares estariam classificados em três eixos: consolidados, em transição e periféricos ou de subsistência (Quadro 2).

Na questão da luta pela terra no século XX, é importante ressaltar que para compreender essa problemática deve-se considerar que nos anos 1960-80 permaneceu no Brasil um modelo de desenvolvimento econômico baseado na substituição de importações, no qual o objetivo era desenvolver a indústria e eliminar as relações “arcaicas” da agricultura, estabelecendo um processo conhecido como “modernização da agricultura”. Segundo Marafon (1998), esse processo trouxe alterações no modelo de produção, sobretudo as transformações relacionadas na base técnica de produção, incluídas em um movimento de mudanças importantes em nível econômica e territorial.

Analisando a concepção da existência do conjunto de grupos sociais de base familiar que se dedica a atividades agrícolas, Fernandes (2002) em seu trabalho Agricultura Camponesa e/ou Agricultura Familiar recupera o conceito de camponês e explica que há uma grande força teórico-política no conceito de agricultura familiar tornando de certa forma supérfluo, e argumenta:

Em uma leitura atenta dos trabalhos acadêmicos, pode-se observar que os pesquisadores, que utilizam o conceito de agricultura familiar com consistência teórica, não usam o conceito de camponês. Já os

pesquisadores que usam o conceito de camponês, podem chamá-los de agricultores familiares, não como conceito, mas como condição de organização do trabalho. Da mesma forma, ao se trabalhar com o conceito de camponês, pode-se utilizar as palavras: pequeno produtor e pequeno agricultor. Todavia, como existem muitos trabalhos que utilizam essas palavras como equivalentes do conceito de agricultura familiar, é necessário demarcar bem o território teórico [...]. A organização do trabalho familiar no campo existe desde os primórdios da história da humanidade. Em seu processo de formação, a organização do trabalho camponês realizou-se em diferentes tipos de sociedade: escravista, feudal, capitalista e socialista. No capitalismo, a sua destruição não se efetivou conforme prognosticado, porque sua recriação acontece na produção capitalista das relações não capitalistas de produção e por meio da luta pela terra e pela reforma agrária. Assim, na não realização da destruição efetiva do camponês, tenta-se refutar o conceito (FERNANDES, 2002, p. 16).

Segundo Germer, 2002,p.47 e 48, o artigo denominado A irrelevância da Agricultura “Familiar”, na questão agrícola, anunciando que agricultura familiar é denominação derivada do ponto de vista norte-americana de produção familiar, em que o termo produtor “familiar” menciona o pequeno produtor inovador, o homem da fronteira, o pequeno industrial e assim por diante, representado na agricultura pelo farmer, e a de campesinato deriva da concepção europeia de produção familiar fundamentado em Chayanov (1974). Ainda de acordo com Germer (2002), a concepção norte-americana passa a preponderar a partir dos anos 1990, no Brasil, enquanto a concepção europeia predominou nos anos de 1970-1980.

3.2.2 “Pluriatividade” fenômeno no meio rural.

Há outro fenômeno no meio rural chamado “pluriatividade” que se refere aos componentes de uma unidade familiar que executam variedades atividades objetivando a obtenção de uma remuneração.

Conforme Anjos (2003), tanto podem se desenvolver no interior como no exterior da própria exploração, através da venda da força de trabalho familiar, da prestação de serviços a outros agricultores ou de iniciativas centradas na própria exploração – industrialização em nível da propriedade, turismo rural, agroturismo, artesanato e diversificação produtiva – que conjuntamente impliquem no aproveitamento de todas as potencialidades existentes na propriedade e/ou em seu entorno (ANJOS, 2003). De acordo com Fuller *apud* Schneider (1999, p. 367):

A pluriatividade permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar [...].

Existe o fato de muitas propriedades obterem diferentes tipos de remuneração, assim sendo, a pluralidade, está relacionada à unidade produtiva multidimensional, onde predomina a agricultura e outras atividades, podendo ser dentro ou fora da propriedade, resultando em diferentes tipos de remuneração.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Estudar as potencialidades e limites para as práticas de turismo e lazer no Assentamento Facão e entorno em Cáceres-MT, perspectivando as atividades agrícolas e não agrícolas no contexto da agricultura familiar/camponesa.

4.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a potencialidade da agricultura familiar/camponesa, para o desenvolvimento do turismo no espaço rural no Assentamento Facão, destacando os componentes físicos-naturais e culturais em Cáceres-MT
- Estudar os conceitos e conteúdos do turismo no espaço rural a partir de uma leitura das categorias de análises espaço e paisagem e identificar e apresentar, por meios de materiais cartográficos, os principais atrativos turísticos do local e por meio de subsídios teórico-metodológicos as práticas pedagógicas de Educação Ambiental na comunidade, em escolas e instituições públicas do município de Cáceres-MT.
- Analisar as políticas públicas, estadual e municipal, voltadas para o turismo no espaço rural e para a agricultura familiar no município de Cáceres.

5 PROBLEMA E HIPÓTESE DA PESQUISA

5.1 Problema

A agricultura familiar/camponesa, possui atividades e práticas que se afirmam como potencialidade concreta para o desenvolvimento do turismo rural no Assentamento Facão?

A associação entre agricultura familiar/camponesa e os componentes físico-naturais fortalecerá o turismo local?

Quais os principais atrativos turísticos no Assentamento Facão?

Quais os principais empecilhos para o desenvolvimento do turismo rural no Assentamento Facão, no que tange aos aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais?

Qual a ação do município e dos órgãos competentes para fortalecer o turismo rural no Assentamento Facão?

As unidades de produção familiar do Assentamento Facão apresenta problemas de produção e produtividade?

Predominam nessa paisagem, unidades de produção familiar que ainda não foram transformadas economicamente e modernizadas tecnologicamente?

No momento, os produtores familiares desse lugar estão desenvolvendo atividades de baixo rendimento, o que tem levado à proletarização de parte da família?

5.2 Hipóteses

Os benefícios atrelados ao seu fortalecimento gerará incremento econômico para as famílias residentes no local, bem como possibilitará o desenvolvimento de atividades estratégicas de preservação e recuperação ambiental do espaço rural, garantindo a manutenção das atividades agrícolas e a permanência das famílias no campo.

O desenvolvimento do turismo no espaço rural no Assentamento Facão, perpassará por ações devidamente planejadas, no intuito de suavizar os possíveis impactos ambientais, sobre os recursos hídricos, fauna e flora desenvolvidos em áreas rurais produtivas, relacionado com o alojamento na sede da propriedade (adaptada) ou em edificações próprias (pousada), nas quais o turista participa das diferentes atividades agropecuárias desenvolvidas neste espaço, quer como lazer ou aprendizado.

Poderão ser inseridos à oferta de atividades turísticas em recursos naturais de origem local ou regional, assim como a gastronomia típica e o conhecimento da cultura local. As atividades desenvolvidas e os atrativos ofertados, irão depender das características de cada propriedade rural, que a critério de disponibilizar maior ou menor número de insumos e fatores, poderá ofertar um produto com maior ou menor atratividade ao mercado.

Portanto, no caso do Assentamento Facão, os atrativos turísticos locais estão sendo usados de forma esporádicas e sem nenhum planejamento, o que tem causado impactos como a poluição dos córregos e desmatamento da mata ciliar. Os principais elementos que impedem o desenvolvimento do turismo no espaço rural na localidade é a falta de planejamento e investimento no setor. Verifica-se que há bastante interesse do trade turístico do município de Cáceres-MT e no desenvolvimento do turismo no espaço rural no Assentamento em questão e entorno, além disso, a ação da Administração Municipal tem sido precária, pois, a infraestrutura está em estado de abandono, observadas em alguns elementos históricos, como a sede da antiga Fazenda Facão e no próprio córrego que recebe o mesmo nome.

6 MATERIAL E MÉTODOS

6.1 Método de abordagem teórica

Fenomenológico

6.2 Procedimentos metodológicos

Metodologicamente a pesquisa a pesquisa estará voltada para o entendimento das potencialidades e viabilidade do turismo no espaço rural em unidades de produção familiar do Assentamento Facão, e dar-se-á da seguinte maneira:

- Levantamento bibliográfico e leitura do referencial teórico-metodológico de sustentação da pesquisa e do texto a ser elaborado.
- Levantamento de materiais bibliográficos que versem sobre a o espaço, a paisagem, o turismo, o turismo no espaço rural e a agricultura familiar e/ou camponesa.

- Análise das políticas públicas, voltadas para o turismo no espaço rural e para a agricultura familiar no Brasil e em Mato Grosso.
- Caracterização da área de estudo, Assentamento Facão e entorno.
- Levantamento dos atrativos físico-naturais e agropecuários das propriedades que praticam a agricultura familiar e/ou camponesa no Assentamento Facão.
- Mapeamento do potencial turístico no Assentamento Facão e entorno.
- Levantamento da degradação ambiental já consumada que se torna empecilho para o turismo local;
- Registros de documentação fotográfica.
- Entrevistas com os assentados e representantes do poder público.
- Análise dos modos produtivos associados à agricultura familiar/camponesa e os atrativos não agrícolas como potencialidades para o turismo no espaço rural, baseados nos resultados científicos da pesquisa teórica e empírica.
- Propostas para o fomento do turismo associado à agricultura familiar/camponesa no Assentamento Facão, considerando o movimento das interações culturais e a construção das manifestações de saberes do lugar.

7. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, ao final da pesquisa, obter um diagnóstico das possibilidades turísticas associadas a agricultura familiar/camponesa no Assentamento Facão, apurar as eventuais limitações para tal prática e fomentar através dessa e de outra pesquisa, o fomento do turismo local.

8. CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

ATIVIDADES	Ano/ 2020										Ano/ 2021												
	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	
Créditos das disciplinas						x	x	x	x	x													
Levantamento bibliográfico				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				

BOLÓS, Maria de (Org.). **Manual de Ciência del Paisage**: Teoria, métodos y aplicaciones Barcelona: Masson, S. A., 1992, 273p.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Rural**: orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas do Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 53 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTRO, N. A. R. **O Lugar do Turismo na Ciência Geográfica**: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. 311 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia Física Universidade de São Paulo, 2006.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Tradução de Rosa Maria Rússovich. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC, 1974. 342 p.

DOLLFUS, O. **O espaço geográfico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FAO/INCRA - Food and Agriculture Organization/Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relatório Final de Projeto de Cooperação Técnica**. Brasília: INCRA, 1994.

FERNANDES, B. M. Espaços Agrários de Inclusão Social: novas configurações do campo brasileiro. **Anais...** Encontro Nacional de Geografia Agrária. 2002. Petrolina. Petrolina: UFPE, 2002. 1 CD-ROM.

GERMER, C. M. A irrelevância prática da agricultura “familiar” para o emprego agrícola. **Reforma agrária**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 47-61, jan./abr., 2002.

GRAZIANO DA SILVA; J. VILARINHO, Carlyle; DALE, Paul J. Turismo em áreas rurais: possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A.; FROELICH, José M. **Turismo e Desenvolvimento Sustentável**. . Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.

GUERRA, A.C.; TOLEDO, D. A.C.; CASTANHEIRA, L. F. M.; OLIVEIRA, B. A. M. Agricultura familiar e economia solidária: o programa compra direta como política de inserção. **Anais Congresso Brasileiro de Sistemas de Produção**, Fortaleza, 2007. Disponível em http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/139.pdf

GUIMARÃES, A. P. **A crise agrária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 362 p.

HESPANHOL, Rosângela Ap. de Medeiros. Dinâmicas Socioeconômicas e possibilidades de implantação do turismo rural em assentamentos nos

municípios de Rosana, Euclides da Cunha Paulista e Teodoro Sampaio-SP. **Anais...** VII Congresso Brasileiro de Turismo Rural. Presidente Prudente, 2010.

JOAQUIM, G. Turismo e Mundo Rural: Que sustentabilidade? In: Cavaco, C. (Org.). **Desenvolvimento Rural: Desafio e Utopia**. Lisboa. Centro de Estudo Geográficos da Universidade de Lisboa, 1999.

LAMARCHE, Hugues (Coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional - uma realidade multiforme**. Campinas: Unicamp, 1993.

MARAFON, G. J. Industrialização da Agricultura e Formação do Complexo Agroindustrial no Brasil. **Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7-21, jun., 1998.

MAZUEL, L. Patrimônio cultural e turismo rural: o exemplo francês. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

MENDRAS, H. **Sociétés paysannes**. Paris: Armand Colin, 1976. 368 p.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

NEVES, S. M. A. S. **Modelagem de um banco de dados geográficos do Pantanal de Cáceres/MT: estudo aplicado ao turismo**. 284 f. Tese (Doutorado) Programa de pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NODARI, D. E.; MUÑOZ, E. F. P.; RIBAS, C. C; GUIMARÃES, V. N.; ZANELLA, L. C. H. Turismo no espaço rural brasileiro: novas alternativas para os assentamentos da reforma agrária. **Extensio: Revista Eletronica de Extensão**, UFSC, n. 3. 2005.

PIRES, Paulo dos Santos. Procedimentos para análise da paisagem na avaliação de impactos ambientais. In: **Manual de Avaliação de Impactos Ambientais – MAIA**. 2ª Ed. Curitiba: PIAB, 1993

RAMOS, Dina Maria; COSTA, Carlos Manuel. Turismo: tendências de evolução. In: PRACS: **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v. 10, n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2017.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SAQUET, M. A; Silva, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, p. 24-42. 2º semestre de 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. **Turismo em comunidades rurais: inclusão social por meio de atividades não agrícolas**, 2006. Disponível em:

https://www.onganama.org.br/pesquisas/artigos/turismo_rural_schneider.pdf. Acesso em 27 abr. 2013.

SILVA, J. G. da; Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. p. 15, 62. In: ALMEIDA, J. A., FROEHLICH, M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. 2. Ed. Campinas/SP: Papirus, 2000. p. 238.

TULIK, O. **Turismo Rural**. 1. Ed. Viçosa, MG: Aleph, 2003.

WANDERLEY, M. N. B. Brasil: exploração familiar ou latifúndio? In: LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**. Paris: L'Harmattan, 1994. v. 2, p. 20-27.

ZIMMERMANN, A. Planejamento e Organização do Turismo Rural no Brasil. In: ALMEIDA, J. A.; FROEHLICH, M.; RIEDL, M. (Orgs.). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. 2. Ed. Campinas/SP: Papirus, 2000. p. 127-142.



Prof. Edevaldo Aparecido Souza
Orientador